



# INVESTIGAÇÃO SOBRE O USO DE MÍDIAS NO ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

RESEARCH ON THE USE OF MEDIA IN TEACHING PHILOSOPHY IN BASIC EDUCATION

**Gabriela Cavalante Alves Gomes<sup>1</sup>**  
**Camila Dias de Oliveira<sup>2</sup>**

## **Resumo:**

*Esta é uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório, que tem como objetivos investigar e sistematizar o conhecimento acerca do uso de mídias no ensino de filosofia na educação básica; estimular a reflexão sobre o fazer pedagógico na área e contribuir para a qualidade das relações de ensino e aprendizagem nesse contexto. Para isto, buscou-se investigar através de levantamentos na literatura da área, como, de que forma, com que características e intensidade tem se dado o uso e a implementação de mídias pelos professores de Filosofia. Com isto, foi possível identificar as principais práticas relatadas, os objetivos que embasaram seu uso, bem como os desafios que se colocam para os educadores e os sistemas escolares.*

**Palavras-chave:** educação; mídias; ensino de filosofia.

## **Abstract:**

*This is an exploratory bibliographical research that aims to investigate and systematize the knowledge about the use of medias in the teaching of philosophy in basic education; stimulate reflection on the pedagogical practice in the area and contribute to the quality of teaching and learning relationships in this context. For this purpose, we sought to investigate through surveys in the literature of the area, how, with what characteristics, objectives and intensity has been given the use and implementation of media by teachers of Philosophy. With this, it was possible to identify the main practices reported, the objectives that underpinned their use, as well as the challenges that are posed for educators and school systems.*

**Keywords:** education, media, philosophy.

## **1. Introdução**

Esta pesquisa tem como objetivo identificar as principais características, e os desafios, que envolvem o uso de mídias e novas tecnologias no ensino de filosofia, no contexto da educação básica brasileira. Isso por que, muito se fala na utilização de recursos tecnológicos na educação a distância - como a TV, a internet, o computador ou celular, por exemplo - mas como será que tem se dado a integração destes e outros recursos no ensino presencial, e especificamente nesta disciplina?

1. Gabriela Cavalante Alves Gomes, [gabrielacavalante@gmail.com](mailto:gabrielacavalante@gmail.com)

2. Camila Dias Oliveira, [oliveiracamiladias@gmail.com](mailto:oliveiracamiladias@gmail.com)



Partimos do pressuposto que é através do contato e da reflexão com o que é produzido e publicado pelos pares, por teóricos e estudiosos que se dedicam ao ensino de filosofia e/ou ao uso de mídias na educação, que é possível compreender e atuar de maneira crítica com relação à própria prática e, também, manter-se em uma condição de sujeito aprendente, fundamental ao educador que procura ressignificar constantemente sua atuação.

Não buscamos a construção de uma visão simplista, que atribui à tecnologia a resolução de todos os problemas educacionais no Brasil, tal qual uma solução milagrosa, mas acreditamos que ela pode, se utilizada de modo crítico, intencional e consciente, auxiliar professores e alunos a construir o conhecimento de maneira colaborativa, ativa e tão significativa quanto em contextos tradicionais, onde elas não se fazem presentes. O que nos revelarão as pesquisas?

### **1.1 Objetivos**

Por meio de uma investigação sobre artigos que versam sobre o uso de mídias e novas tecnologias no ensino de filosofia, pretende-se identificar quais são os principais recursos e práticas relatadas; os objetivos que embasam seu uso; o impacto resultante destas metodologias na aprendizagem e reconhecer os principais desafios apontados por especialistas e profissionais da área quanto ao uso de mídias e novas tecnologias no ensino de filosofia.

### **1.2 Hipóteses**

Supõe-se que, assim como em outras disciplinas, as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) também se façam presentes no exercício filosófico, no contexto da educação básica. Por outro lado, acredita-se que governos e instituições ainda não estejam investindo de modo suficiente e satisfatório na formação inicial e continuada de professores, bem como na melhoria e no aparelhamento dos sistemas educacionais e das unidades de ensino, o que seria um desafio à implementação destes recursos.

Espera-se também verificar se, de fato, as novas tecnologias podem contribuir para a melhoria da qualidade do ensino ofertado, no sentido de aproximar o universo da filosofia da realidade dos jovens, auxiliando a superar preconceitos e barreiras que ainda hoje existem com relação à disciplina na educação básica, além de analisar se este novo cenário é capaz de garantir a aprendizagem e o acesso ao saber filosófico.

### **1.3 Justificativa**

Olhar para o real, por meio das pesquisas na área, permitirá identificar, compreender e divulgar as práticas inovadoras utilizadas no momento, e ainda reconhecer carências e fragilidades quanto ao uso de mídias no ensino de filosofia. Em qualquer uma das situações apontadas, este reconhecimento é indispensável para a melhoria e a ampliação de rotas já conhecidas, ou então para a criação de novos caminhos, sempre que estes se mostrarem necessários.

Diferente do que muitos são levados a pensar quando orientados apenas pelo senso comum, o professor não nasce pronto e acabado, daí a necessidade de uma sólida formação



inicial e continuada que lhe permita refletir, problematizar e desenvolver, por exemplo, sua didática e metodologias de ensino.

#### **1.4 Estrutura do artigo**

O artigo está dividido em quatro grandes partes, sendo as três primeiras, introdutórias. Inicialmente, no primeiro tópico, são tecidos alguns comentários sobre a Sociedade da Informação, conceito que faz referência ao intenso desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), e que tem ressignificado as práticas comerciais, educacionais, econômicas, profissionais, entre outras.

O segundo tópico contextualiza de forma mais direta a educação dentro deste novo paradigma tecno-científico e aponta alguns desafios atuais, e algumas contribuições, sobre o uso de mídias no cenário educacional.

O terceiro tópico aborda os desafios que envolvem as relações de ensino-aprendizagem em Filosofia no contexto da educação básica como, por exemplo, o desinteresse, a presença frequente de metodologias pouco atraentes e significativas para os jovens, bem como o pouco envolvimento destes nas atividades propostas.

Dessa forma, antes de atentar para o que dizem as pesquisas referentes ao uso de mídias no ensino de filosofia, os tópicos anteriores buscaram contextualizar o tema em questão. Por fim, o último tópico corresponde à uma análise mais detalhada dos artigos selecionados.

## **2. Metodologia**

Esta pesquisa é de natureza exploratória, sendo assim, está embasada sobretudo no levantamento bibliográfico da literatura na área, ou seja, de documentos que tratam do uso de mídias no ensino de filosofia, na investigação e compreensão das pesquisas selecionadas e na sistematização das informações obtidas através das análises realizadas.

A pesquisa bibliográfica, por sua vez, teve como principal ferramenta a investigação na internet e em sites especializados, como o Scielo e o Google Acadêmico. Os artigos selecionados constam na tabela abaixo e eles foram escolhidos por estarem, de alguma forma, relacionados à temática deste projeto.

Assim, ao longo do texto, o leitor tomará contato com artigos que fazem o relato de práticas de ensino que envolvem o uso de mídias em aulas de filosofia mas conhecerá também obras que buscam promover a reflexão sobre o ensino de filosofia e suas dificuldades na atualidade, sobre os desafios da formação profissional para que o professor possa fazer o uso crítico e intencional de novas tecnologias, sobre a relação entre educação de qualidade e tecnologia, bem como sobre os valores e princípios que orientam a educação no século XXI.

Dada a natureza deste artigo, estas questões foram apenas inicialmente pontuadas, portanto, estas podem e devem ser melhor exploradas em estudos posteriores.



Ano	Autor(es)	Obra
2012	SIQUEIRA, G. L.; RIBAS, M. A. C.	Dificuldades no ensino de filosofia no cenário da educação básica brasileira.
2006	SOMAVILLA, L.; SANTOS, M. A.	Filosofia e Tecnologia: uma proposta pedagógica.
2012	PINTO. A. S.; SILVA. C. S.; SILVA J. G.	O uso da Internet como ferramenta pedagógica para o ensino de Filosofia: uma aplicação com alunos de ensino médio de uma escola estadual.
2015	ARAÚJO, P.B.; BOTTENTUIT JÚNIOR, J.B.	O aplicativo de comunicação WhatsApp como estratégia de ensino de Filosofia.
2017	BRITO, Núbia de Abreu.	O mito da caverna de Platão: um olhar sobre a didática de ensino na filosofia e as tecnologias em sala de aula.
2014	MORAES, S.B. A.; TOMAZETTI, E.M.	Análise dos trabalhos publicados nos livros do “Simpósio Sul-Brasileiro sobre o ensino de Filosofia” que versam sobre TIC e ensino de filosofia.

### 3. Desenvolvimento

#### 3.1 Sociedade da Informação

É possível afirmar que a nossa sociedade é a mesma de sessenta anos atrás? Muitos diriam sem refletir ou hesitar que não. Alguns, se chamados fossem para explicar ou justificar tal ponto de vista, poderiam aludir ao intenso desenvolvimento tecnológico e científico que se faz presente nas últimas décadas. Exemplos não seriam difíceis de encontrar. De transformações simples a complexas, de fato, pode-se perceber que muita coisa mudou.

Hoje, por exemplo, é possível conversar e interagir virtualmente com pessoas que estão geograficamente distantes, através de diferentes programas e aplicativos conectados à Internet. É possível, também, realizar transações econômicas e comerciais, como fazer compras, pagar contas, e até monitorar sua casa através de redes online. Jogar, participar de web-conferências, realizar cursos e ter acesso a aulas que acontecem em outras cidades ou países já não é ficção, mas sim uma possibilidade real e, cada vez mais, acessível às pessoas.

Por isso, não seria exagerado dizer que tais inovações têm alterado significativamente as noções de tempo e espaço, proximidade e distância, e que também têm ampliado o acesso a informação, colocando indivíduos e sociedades em contato com situações que até pouco tempo atrás seriam inimagináveis.



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO



Sobre este cenário, delineado no *documento Sociedade da Informação no Brasil*, do Ministério da Ciência e Tecnologia (2000, p.3), temos ainda a seguinte informação sobre a Sociedade da Informação:

[...] não é um modismo. Representa uma profunda mudança da sociedade e da economia, havendo quem a considere um novo paradigma técnico-econômico. É um fenômeno global, com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessas atividades inevitavelmente serão, em alguma medida, afetadas pela infraestrutura de informações disponível [...]. Tem ainda marcante dimensão social, em virtude de seu elevado potencial de promover a integração, ao reduzir as distâncias entre as pessoas e aumentar o seu nível de informação. (BRASIL, MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2000, P. 5)

É possível notar que, nesse novo cenário, a informação vai se tornando matéria-prima para o desenvolvimento social e individual. Se por um lado, é possível vislumbrar significativas transformações e melhorias com o desenvolvimento das novas tecnologias, por outro, é igualmente possível notar o surgimento de novas formas de desigualdade e exclusão como, por exemplo, a exclusão digital, uma vez que o acesso às novas tecnologias não é igualitário. Ou seja, ele não está disponível, nem é vivenciado da mesma forma, por todas as pessoas; variando significativamente de acordo com os países, regiões e classes sociais.

Nesse sentido, a questão da inclusão na sociedade da informação não diz respeito apenas à ampliação do acesso às novas tecnologias, embora isto seja indispensável e inquestionável. Ela supõe, além disso, a capacitação da população para a aquisição de novas competências e habilidades. Ainda de acordo com o Ministério da Ciência e Tecnologia, é preciso levar em conta que:

[...] educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar as pessoas para o uso das tecnologias da informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias [...]. Trata-se também de formar indivíduos para “aprender a aprender”, de modo a serem capazes de lidar positivamente com a contínua e acelerada transformação da base tecnológica. (BRASIL, MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2000, P. 45).

Com isto, é possível deduzir que no Brasil, alguns dos atuais desafios para geração de renda, emprego, qualidade de vida e inclusão na Sociedade da Informação estão, de alguma



forma, relacionados a esse novo cenário onde a tecnologia é cada vez mais importante, mas que ainda está fortemente marcado por uma série de desigualdades, tanto no que diz respeito ao acesso, quanto à qualidade e ao tipo de uso à ela relacionado.

Cabe então aos sistemas de ensino, aos seus envolvidos e responsáveis, bem como aos governos, criar e implementar uma educação que promova o letramento digital, a aquisição e o aperfeiçoamento de competências e habilidades necessárias ao desenvolvimento individual e social, que seja democrática, diversificada, realmente inclusiva e de qualidade, para todos. Sobretudo, um projeto educacional capaz de romper com o clássico modelo elitista - econômico, político, social, cultural e educacional - que há séculos impera em nossa sociedade, e que oferece serviços e oportunidades diferenciadas, para grupos e segmentos sociais distintos.

### 3.2 Os desafios para os sistemas educacionais

Quando falamos em mídias ou tecnologias na educação, falamos especificamente de quê? De acordo com o documento *Tecnologias para a Transformação da Educação: experiências de sucesso e expectativas*, pode-se dizer que, quando falamos em mídias educacionais, estamos nos referindo a uma variedade de dispositivos, serviços, conteúdos e aplicativos digitais utilizados nos processos de ensino e aprendizagem.

Assim, entende-se que, além de enriquecer e aumentar o uso de materiais instrucionais, tais recursos trazem consigo novas formas de interação, comunicação e, conseqüentemente, de aprendizagem.

Hoje, as possibilidades de uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no cenário educacional já não se limitam mais à educação a distância ou ao ensino superior, pois as novas tecnologias podem e devem ser melhor exploradas, também, na educação básica. Nesse sentido, diferentes propostas de ensino híbrido exemplificam sua contribuição no ensino fundamental e médio combinando, dentro de contextos e realidades, o que há de melhor no ensino presencial e nos cursos online.

Por outro lado, estudiosos, como Moran, apontam que em diversos contextos, pouco ou quase nada mudou em relação a sessenta anos atrás: o giz, a lousa, a fala do professor como o transmissor e detentor do conhecimento, as carteiras enfileiradas, o uso quase que exclusivo de cadernos e livros didáticos, muitas vezes resumem a “inovação” dos ambientes educacionais. Diante disso, podemos concluir que boa parte das escolas, especialmente aquelas que dependem de investimentos e políticas públicas, estão ainda dramaticamente distantes das novas demandas econômicas, políticas e formativas.

Moran (2006, p.11), neste sentido, afirma que:

Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, desmotivamo-nos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Mas para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade interconectada?

As questões que se levantam são muitas e, embora ainda estejamos distantes de tornar o uso eficiente da tecnologia em ambientes educacionais uma realidade para todos, podemos





afirmar (com base nos apontamentos feitos por Moran, pelo Ministério da Ciência e Tecnologia e também pelo relatório divulgado em 2014 pela UNESCO) que, sobre as potencialidades de seu uso, é possível alcançar uma maior qualidade da educação. Por meio da tecnologia, os estudantes podem participar de forma mais ativa com relação às atividades pedagógicas propostas; pode cooperar para a promoção de um ambiente que privilegie o diálogo, a troca e a aprendizagem colaborativa; e até mesmo auxiliar o professor a se aproximar mais dos alunos já que ela ajuda a promover um tipo de educação mais ligada às questões da vida real e que desperte de modo mais eficiente a atenção e o interesse dos alunos.

Do ponto de vista pedagógico, é necessário e possível ampliar e diversificar as formas de ensinar, respeitando e mobilizando diversos estilos de aprendizagem, fazendo com que todos possam aprender. A tecnologia também pode auxiliar o professor a desenvolver novas formas de avaliar, com um enfoque voltado mais para o desenvolvimento de competências, que para a verificação de conteúdo, e que tenha o professor como um agente crítico e reflexivo, mobilizador dos diferentes recursos e capaz de trabalhar, junto aos alunos, as competências e habilidades que estes necessitarão para a continuidade dos estudos, a inclusão no mercado de trabalho e para a realização das mais variadas atividades no dia a dia.

Mill e Chaquime (2017, p. 5) corroboram tal entendimento na medida em que afirmam que:

[...] temos uma infinidade de possibilidades de enriquecimento das práticas pedagógicas na educação básica ou superior pela incorporação das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). Mais recentemente começam a ser explorados aspectos como a convergência das mídias e das tecnologias, incorporação do mundo virtual no seio educacional, apropriação de metodologias ativas, proposição de currículos mais flexíveis, com tempos e espaços integrados [...] em grupos e de acordo com a necessidade, de modo mais coerente com a vida cotidiana, por meio de práticas, atividades, jogos, problemas, projetos relevantes etc. Isso vem sendo explorado por meio da incorporação das TDIC no contexto educacional, com especial atenção ao processo de colaboração (aprender juntos) e personalização (incentivar e gerenciar os percursos individuais).

Tais apontamentos indicam que, além das competências e habilidades relacionadas ao uso de tecnologia, cada vez mais estudiosos na área da educação, entre eles Moran (2006), Mill (2018) e Chaquime (2018), entendem que tais recursos podem contribuir de modo significativo para uma potencialização das relações de ensino e aprendizagem, nas mais diversas disciplinas.

Porém, mais que apenas incluir recursos tecnológicos no ambiente escolar, é urgente e necessário uma profunda transformação na forma como professores e sistemas planejam e executam os processos de ensino e aprendizagem. Em outras palavras, as mudanças necessárias não se restringem ao uso ou não de TDIC. É preciso, entre outras coisas, repensar o papel do professor, o papel e as funções dos processos avaliativos, das atividades propostas, dos conteúdos trabalhados, a forma como entendemos e lidamos com o alunado e as próprias relações



estabelecidas no interior de nossas escolas. Sem repensar estes elementos, boa parte das propostas de integração de mídias na educação corre seriamente o risco de se mostrar uma ação simplista, embora muitas vezes bem-intencionada.

Sobre estes desafios, Moran afirma que:

Ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente as atividades propostas, os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes alunos e professores. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial. A Internet é um novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode nos ajudar a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e aprender. (MORAN, 2006, p. 63).

Assim, mais que assimilar, memorizar, acumular e reproduzir conteúdo, espera-se que os recursos tecnológicos auxiliem os professores a criar propostas de aprendizagem onde os alunos possam desenvolver a criatividade, a reflexão crítica, tornando-se elemento ativo e o centro do processo pedagógico.

Contudo, a implementação de novos modelos supõe uma formação específica e contínua dos professores, a reorganização adequada e o investimento no ambiente escolar. Falamos aqui de recursos materiais, pedagógicos, humanos, bem como das práticas pedagógicas vigentes, para que este não se torne apenas mais um projeto elitizado, inacessível à maior parte da população que está vinculada à escola pública.

Ainda sobre a questão do investimento no ambiente escolar, dados do censo escolar do MEC de 1999, presente no documento Sociedade da Informação no Brasil - Livro Verde (2000, p. 50-51) indicam que a maior parte das escolas em território nacional não possuem acesso à Internet. Os dados são alarmantes. De acordo com o censo, apenas 3,5% do total de escolas da educação básica estão conectadas à rede mundial de computadores, sendo que a maior parte destas escolas é da rede particular. O documento mostra ainda que 29,6% das escolas não possuem energia elétrica e que menos de 23,1% destas possuem biblioteca. O documento também aponta que as escolas particulares estão melhor equipadas que as instituições públicas.

Assim, todos estes elementos e a desigual realidade devem ser levados em consideração quando pensamos nos desafios que envolvem o uso de tecnologias na educação básica e no ideal de uma educação pública de qualidade, ainda hoje discutida e aclamada apenas no nível do discurso.

### **3.3 Os desafios que envolvem o ensino de filosofia**

Como assinalado anteriormente, as últimas décadas vêm sendo marcadas pela crescente valorização e desenvolvimento do conhecimento tecnológico e científico. Fato que também tem influenciado o âmbito educacional e que é perceptível, por exemplo, através do crescente interesse, implementação e investigação sobre as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TIC) e seus impactos na educação.

Mas será esta uma realidade também no ensino de filosofia? Podem as tecnologias da informação e comunicação ajudar especificamente no ensino e na aprendizagem nesta área do





conhecimento? De que forma? Isso tem sido feito? Quais as possibilidades e limitações desse possível encontro? O que filósofos e educadores pensam sobre isso? Que práticas serão relatadas?

Essas questões, além de embasarem esta pesquisa, expressam também a constante necessidade de repensar a prática pedagógica, visto que muito ainda pode ser melhorado quando se pensa na qualidade da educação básica e pública em território nacional. Para isto, é necessário compreender a realidade, para então poder rever e organizar caminhos.

É importante ressaltar que não afirmamos aqui que as novas tecnologias sejam milagrosas e que possam, por si próprias, resolver todas as questões educacionais, pois mesmo quando estão presentes no ambiente escolar, elas são apenas um fator, entre inúmeros outros, que em conjunto, são responsáveis pela qualidade da educação.

Procura-se, a partir de agora, identificar se, e como, a integração de mídias e tecnologias da informação vem ocorrendo no ensino de filosofia. Com isso, é possível verificar se elas têm auxiliado no surgimento de novas e diversas formas de ampliar o acesso ao conhecimento filosófico, permitindo a criação de metodologias mais personalizadas, participativas e criativas, capazes de despertar nos alunos o interesse pela leitura e pela experiência filosófica e de diminuir a distância entre os avanços tecnológicos e a realidade em sala de aula, bem como o abismo que muitas vezes se faz entre as aulas de filosofia e os alunos.

Tendo como pressuposto tal compreensão, de que tais recursos podem, de um lado, auxiliar para que haja interesse, participação, colaboração, troca, crescimento, aprendizagem e, de outro, promover um tratamento adequado da disciplina, o próximo passo é identificar, na literatura da área, se isto ainda é utopia, ou se já é realidade em determinados sistemas ou unidades escolares.

Quando é pensado nas especificidades das relações de ensino-aprendizagem em filosofia, como as TIC podem auxiliar professores e alunos a desenvolver as competências relacionadas a elaboração de conceitos, ao desenvolvimento da capacidade de argumentação, interrogação, reflexão e exame? Como podem elas auxiliar no desenvolvimento dos procedimentos de análise, leitura e produção textual?

Pretende-se dar vistas ao novo. Isso porque busca-se hoje construir com os alunos seu pensamento autônomo e crítico, não mais a mera repetição/reprodução de ideias - sejam elas as do professor ou de filósofos - e para isso, sabe-se que é necessário que o estudante tenha acesso a variados estilos filosóficos de dúvida, exame e problematização, proporcionados pelo contato com a tradição, em um exercício contínuo de escuta, apropriação e criação.

Entende-se que, para que esses processos ou estágios da aprendizagem ocorram, é necessário inicialmente que se desperte no aluno o interesse pela reflexão filosófica, o que exige do professor uma busca constante, no sentido de criar, recriar e aperfeiçoar sua prática pedagógica. Desta forma, o esforço a partir de agora se dá no sentido de investigar e compreender como esses objetivos podem ser atingidos, assegurando a experiência filosófica no ensino médio, e de que forma o uso de novas tecnologias pode contribuir para isso.

#### **4. Análise dos documentos**



#### **4.1 Dificuldades no ensino de filosofia no cenário da educação básica brasileira - Siqueira; Ribas.**

A pesquisa de Siqueira e Ribas (2012) relata a experiência vivenciada pelos autores, obtida por meio de estágio supervisionado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBID), e seu objetivo é levantar as principais dificuldades encontradas no ensino de filosofia, na educação básica, a partir da observação em sala, da coleta de relatos dos professores e de levantamento bibliográfico pré-determinado pelo programa.

Apesar de Siqueira e Ribas (2012) não tratarem diretamente do uso de mídias, a questão é indiretamente abordada no texto e, além disso, considera-se importante conhecer alguns dos desafios que envolvem o ensino de filosofia para poder identificar posteriormente como, de que maneira, o uso de mídias e novas tecnologias poderia ser uma ferramenta importante para alunos e professores.

Ao longo do texto, os autores apontam que os desafios são vários e de diversas ordens. Perpassam, por exemplo, a falta de investimento dos governos, fator que resulta na desvalorização do trabalho docente, em condições precárias em diversas escolas (onde faltam espaços pedagógicos e de formação adequados), na superlotação das salas, na falta de professores, na má remuneração, no baixo investimento na qualificação de professores, entre outros.

Mas os autores pontuam que os desafios também envolvem alunos e professores. Nesse sentido, quanto aos professores, foram apontadas questões como: a formação inicial deficitária, a desmotivação de muitos docentes, que faz com que a procura por processos de atualização e formação continuada seja menor que o desejado/esperado e o fato de a Filosofia ser desvalorizada, e até mesmo malvista, pelos próprios pares.

Já com relação aos estudantes, enfatizou-se o desinteresse pela disciplina, que geralmente decorre do fato desta ser vista como algo vazio de sentido, distante da vida prática, inútil, bem como a falta de interesse e curiosidade com relação ao desejo de aprender e a preguiça mental dos estudantes.

Interpretar textos, elaborar conceitos, desenvolver ideias, conseguir se expressar oral e textualmente são atividades comuns no exercício filosófico e que geralmente encontram resistência por parte de muitos jovens.

Sobre isso, Siqueira e Ribas (2012, p. 7) pontuam que “[...] neste contexto, a Filosofia perde espaço e sofre um desprestígio, pois “pensar dói”, e parece que esta geração “informática” não está muito interessada em pensar ou pelo menos apresentam sérias dificuldades de concentração e de fazer uma simples abstração”.

Apesar de o texto não tratar diretamente do uso de mídias no ensino de filosofia, em seu desenvolvimento, os autores pontuam que muitas destas dificuldades apontadas na postura dos alunos na atualidade, decorrem daquilo que, no texto, é denominado “cultura de vídeo”. Essa cultura diz respeito ao fato de as novas gerações estarem sendo habituadas e condicionadas a um prazer sensível e superficial nas relações e atividades, colocando-os em dificuldade para se aprofundar naquilo que veem, ouvem e acessam. Sobre isso, os autores afirmam que:



[...] em meio a uma cultura que não está acostumada a fazer esforço, pois recebe tudo pronto, logo a educação tende a sofrer as consequências deste modelo cultural em que se vive atualmente. Os jovens têm facilidades de baixar livros inteiros em *pdf*, pela Internet, conseguem acesso a todo tipo de informação possível pelos meios digitais, mas o problema é assimilar um conteúdo, sair da superficialidade e adentrar no mundo da compreensão em que a leitura e a concentração conseguem proporcionar. (SIQUEIRA; RIBAS. 2012, p. 3).

O trecho em questão nos leva a alguns questionamentos: o problema apontado pelos autores é a tecnologia ou a forma como a tecnologia é explorada e utilizada pelas famílias e sistemas educacionais? Educação e tecnologia são elementos que não se combinam?

Outra dificuldade levantada ao longo do texto diz respeito à formação do docente e envolve o fato de a própria Universidade estar, muitas vezes, distante da realidade e dos desafios das salas de aulas da educação básica, o que contribui mais para a formação do especialista, do pesquisador, que para a formação do futuro professor.

Quanto ao papel do professor, os autores defendem que ele

[...] tem uma importante missão, levar os alunos a um processo reflexivo ensinando-os a pensar, a se questionar a partir da própria realidade de uma forma que brote nos jovens e adolescentes aquele tipo de pergunta que faziam quando tinham cinco anos de idade. (SIQUEIRA; RIBAS, 2012, p. 7-8).

Pode-se perceber que esta pesquisa vai de acordo com o que foi abordado anteriormente, seja para o ensino e aprendizagem em filosofia, ou em qualquer outra área do saber, ou seja, que é chegado o momento de repensar os processos educacionais: metodologias de ensino, situações de aprendizagem, relações interpessoais, processos avaliativos e estilos de aprendizagem, se quisermos trabalhar para a construção de uma educação de qualidade.

Com relação a esta questão, pontua-se: não poderiam as novas tecnologias da informação e comunicação, as diferentes propostas de metodologia que abarcam o ensino híbrido, contribuir para repensar o que e como ensinamos? Não poderiam elas estimular o fazer criativo de alunos e professores, ressignificando a prática pedagógica e contribuindo para a qualidade do ensino de filosofia, tornando-o mais significativo e interessante?

Sobre a baixa qualidade dos programas de formação, os autores apontam o fato de a disciplina não possuir tradicionalmente um lugar na grade curricular nacional. Sabe-se, por exemplo, que a disciplina voltou a fazer parte da grade como disciplina obrigatória apenas em 2008, o que ainda hoje gera certa desconfiança e preconceitos por grande parte de alunos e de alguns professores.

Por fim, os autores afirmam, na conclusão do trabalho, que a qualificação profissional é elemento fundamental para a preparação de aulas mais interessantes, criativas e, conseqüentemente, mais significativas para o aluno. Sem isso, há poucas chances de despertar seu interesse, mobilizá-lo e assegurar que haja aprendizagem.



#### **4.2 Filosofia e Tecnologia: uma proposta pedagógica - Somavilla; Santos**

O artigo de Santos e Somavilla (2006) aborda a questão da formação de professores de filosofia e o uso de novas tecnologias no cenário educacional como elementos fundamentais para a concretização de uma educação de qualidade. A pesquisa é resultado de um projeto de extensão do curso de Filosofia da Faculdade de Palotina e foi realizado com estudantes matriculados na disciplina Prática de Ensino. Desta forma, este artigo não trata do resultado ou do relato da prática de educadores já inseridos em sistemas educacionais, mas sim da experiência de futuros professores de filosofia.

Os autores pontuam que a realização do projeto de extensão se deu em diferentes etapas, por exemplo, inicialmente através do levantamento bibliográfico de autores que relacionassem o trabalho pedagógico em filosofia com a contribuição da tecnologia; depois a busca por propostas pedagógicas que colocassem tais princípios em prática e, por fim, a criação de um site onde os autores pudessem registrar e refletir sobre os diferentes trabalhos realizados nas variadas escolas pelas quais passaram.

Não há dúvidas de que um dos grandes objetivos dos futuros professores, e daqueles que já estão na ativa, é promover através de sua prática uma educação de qualidade para todos e, neste artigo, tal princípio é abordado como o resultado do constante exercício de revisão e reflexão sobre a prática pedagógica, com a finalidade de aperfeiçoá-la constantemente.

Neste sentido, afirmam os autores que "(...) é necessário estar sempre (...) na condição de aluno, de educando. É nesta condição, e somente nesta, que ocorrerá a revisão e a renovação da arte de educar." (SOMAVILLA, SANTOS, 2006, p 8 -9).

Como se vê, a ideia de melhoria da qualidade da educação e de uma escola mais próxima da realidade e do contexto dos alunos supõem um professor reflexivo, crítico e em constante aprendizagem.

Com relação à formação do futuro professor de filosofia para a educação básica, os autores pontuam que, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais (Parecer nº CNE/CES 492/2001, homologado e aprovado em 03/04/2001) já há uma exigência legal para que os estudantes adquiram competências e habilidades relacionadas ao uso da informática.

Sobre a importância de formar o professor para o uso crítico e planejado da tecnologia, os autores afirmam que:

Sendo assim, parece ser inevitável que os cursos de graduação propiciem, de alguma forma nos seus currículos, experiências formativas que contemplem tais exigências. Por outro lado, hoje se faz extremamente necessário o domínio de habilidades com o uso do computador, representando uma determinante no acompanhamento de conquistas/inovações recentes. (SOMAVILLA; SANTOS. 2006, p. 2).

É exatamente o que a disciplina Prática de Ensino da referida instituição propôs aos estudantes: um espaço de formação em sintonia com as demandas da Sociedade da Informação.

Podemos então perceber, de acordo com o que até o momento foi exposto, que o uso de mídias no ensino de filosofia supõe, de início, uma formação comprometida com tais objetivos.



Ou seja, é preciso capacitar o professor para que ele possa criar, inovar e explorar tais recursos. Sobre este ponto, Somavilla e Santos (2006, p. 6-7) explicam que:

[...] a implementação do recurso tecnológico no processo educacional clama por componentes críticos e reflexivos, a fim de capacitar quem quer que venha dele usufruir saber *por quê, para quê, quando e como* tal alternativa pode ser aproveitada (adequada).

Ainda neste sentido, Moran afirma que:

A aquisição da informação, dos dados, dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer, hoje, dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor – o papel principal – é ajudar o aluno a interpretar esses dados, relacioná-los, a contextualizá-los. (MORAN, 2006, p. 29-30).

Assim, se queremos a transformação da educação básica, no sentido de torná-la relevante e significativa para os estudantes, é necessário atentar para a formação do futuro professor.

Para Somavilla e Santos, o uso da internet pode contribuir para a qualidade das relações de ensino e aprendizagem em filosofia, pois ela é capaz de ampliar a interação entre todos os envolvidos. Além disso, é através da interação entre sujeito e objeto que se mantém em movimento o processo de conhecimento. Quanto a esta relação, eles afirmam que:

A ênfase aqui não está centrada numa ou em outra esfera, mas na mediação em que o sujeito se constitui agente do seu processo de conhecimento. Assim, ao usar a internet, desenvolve-se a capacidade de interação entre o mundo do sujeito e o mundo “virtual”, que se mostra perante o mundo do sujeito. À medida que o sujeito se depara frente ao relato de experiências e a confronta com o modo próprio de proceder, está havendo, mesmo que num segundo plano, interação e, conseqüentemente, aprendizagem. (SOMAVILLA; SANTOS, 2006, p. 7).

José Manuel Moran, referência bibliográfica neste artigo analisado, afirma em seu texto *Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas* (2006) que também é válido ressaltar que a internet, apesar de ser um recurso permeado de possibilidades significativas de inovação pedagógica, traz consigo desafios.

Por exemplo, se por um lado ela pode ajudar a flexibilizar, personalizar, variar formas e estilos de aprendizagem, por outro lado, muitas pessoas ainda “(...) não estão preparadas para lidar com tanta variedade de dados, de estímulos, e aceitam e adotam a última moda na mídia ou na roupa”. (MORAN, 2006, p. 22).

Ou seja, se por um lado há uma facilidade em se obter dados e informações, de outro, também é possível notar certa facilidade dos alunos à dispersão, perdendo-se nas páginas navegadas e se aprofundando muito pouco nos assuntos pesquisados. O que pode tornar esse



recurso muito pouco significativo no cenário pedagógico quando limitado a esse tipo de uso. Vale também ressaltar que o professor também não está livre de fazer um uso equivocado ou simplista de mídias e novas tecnologias, daí a importância da atualização e da reflexão sobre a prática docente e as metodologias utilizadas.

Essa percepção deixa em evidência que não basta ter acesso à tecnologia, é também necessário saber utilizá-la de forma que ela possa realmente contribuir para a aprendizagem. Portanto, além da questão do acesso, identificar como, por que e com que objetivos ela pode ser utilizada, é fundamental.

Neste sentido, Moran (2006) indica que, na atualidade, o desafio do professor não é transmitir, mas mediar o conhecimento, ser parceiro, orientador neste processo que vai se construindo, ajudando a selecionar, entender, comparar informações, aprofundar conhecimentos. Segundo ele, “[..] o conhecimento se dá no filtrar, no selecionar, no comparar, no avaliar, no sintetizar, no contextualizar o que é mais relevante, significativo. (MORAN, 2006, p. 54-55).

Desta forma, ensinar hoje supõe, entre outras coisas, flexibilidade, cooperação e abertura para o novo pois “Na sociedade da informação, todos estamos reaprendendo a conhecer, a comunicarmo-nos, a ensinar; reaprendendo a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social” (MORAN, 2006, p. 61).

Assim, superar um contexto ainda fortemente marcado por aulas meramente expositivas, com metodologias pouco atraentes e quase nada criativas, onde as relações ainda são de autoritarismo em diferentes instâncias e níveis no ambiente escolar, onde o excesso de alunos e o desinteresse generalizado na maior parte das salas de aula, em uma realidade ainda marcada por professores despreparados, previsíveis, mal pagos e desmotivados, segundo os autores, supõe um enfrentamento de diversas frentes, que certamente não se esgota no simples acesso à tecnologia, mas que pode ser transformado e repensado por ela também.

#### **4.3 O Uso da Internet como Ferramenta Pedagógica para o Ensino de Filosofia: uma aplicação com alunos do ensino médio de uma escola estadual - Pinto, Silva e Silva.**

O artigo de Pinto, Silva e Silva (2012) descreve a prática de ensino realizada pelos estudantes, da Faculdade Cenecista de Osório (FACOS), em uma escola estadual em Caraá, no Rio Grande do Sul. O projeto foi desenvolvido com uma turma de 2º ano do Ensino Médio e a proposta de trabalho foi à criação de websites como tema “História dos Pensadores Filósofos Contada Através da Internet”.

Para isso, foram realizados 20 encontros entre os bolsistas e os alunos e, nestes momentos, as atividades foram de pesquisa na internet sobre o filósofo a ser trabalhado, aulas de Introdução à Microinformática e aulas específicas para o uso da Wix – plataforma online e gratuita que permite a criação e edição de sites. O resultado esperado destes encontros, e das competências e habilidades mobilizadas, era o desenvolvimento de um website por cada um dos alunos.

Diferente do que facilmente poderia ser pressuposto, nos primeiros contatos com a turma, os bolsistas perceberam que nem todos os alunos possuíam acesso às novas tecnologias da informação e comunicação. Sobre isso eles afirmam:





[...] percebemos que muitos ainda não tinham tido contato com nenhum recurso tecnológico, principalmente com o computador e a Internet, e isso nos deixou espantados, pelo fato de estarmos vivenciando a era digital e de que a escola já havia iniciado o seu processo de atualização ao montar um laboratório equipado com computadores e Internet. (PINTO; SILVA; SILVA 2012, p. 13).

Esta realidade, infelizmente, vai de encontro com as seções iniciais desta pesquisa, onde tratamos brevemente da Sociedade da Informação e dos desafios que este novo cenário traz para a educação, pois temos constatado através do contato com as diferentes análises estudadas aqui que, quando se pensa na integração de mídias na educação básica, enfrentamos inúmeros desafios: escolas sem os recursos necessários, escolas com recursos, mas ainda não capazes de incluí-los ou mobilizá-los satisfatoriamente para a realização de atividades pedagógicas relevantes, a desatualização ou mesmo a resistência de professores/coordenadores/gestores. Deste modo é necessário, uma grande transformação dos sistemas e atores educacionais se quisermos, de fato, alterações significativas com relação à qualidade do ensino ofertado.

De volta ao projeto vê-se, de um lado, que a internet foi utilizada como ferramenta de acesso aos conteúdos, como elemento mobilizador/facilitador da aprendizagem por despertar o interesse dos jovens, bem como meio e ferramenta para a confecção do website, contribuindo diretamente para a inclusão e o letramento digital dos alunos. Sem hesitar, podemos afirmar que este tipo de atividade contribui não apenas para o desenvolvimento acadêmico dos estudantes, mas também os auxilia a desenvolver práticas e conhecimentos que lhes serão úteis para a inserção na Sociedade da Informação, como o letramento digital, o trabalho colaborativo, o desenvolvimento da capacidade de aprender a aprender, etc.

De outro lado, também é possível reconhecer que a atividade possibilitou aos estudantes um contato diferenciado com a tradição filosófica, viabilizando aos mesmos o verdadeiro exercício filosófico, ou seja, o despertar da curiosidade e do interesse em compreender o mundo e a si, o desenvolvimento/aprofundamentos das competências da fala, da leitura e da escrita, o exercício da criatividade, entre outros.

Por exemplo, ao invés de simplesmente reproduzir um discurso oriundo de um livro didático, das anotações do professor, ou da própria internet, os alunos mantiveram uma postura ativa, investigativa e analítica no contato com as informações obtidas na medida em que, com o auxílio do professor e dos recursos disponíveis, puderam criar e compartilhar seu próprio conteúdo.

Nas palavras dos autores, a internet foi o instrumento escolhido para este trabalho pois ela é vista como um elemento que pode auxiliar os estudantes a

[...] compreender a Filosofia de uma forma simples e de fácil entendimento para todos; favorecer a compreensão de conteúdos da disciplina utilizando mídias visuais; oferecer ao aluno a oportunidade de levantar hipóteses, dúvidas [...] além de proporcionar o uso da ferramenta Wix na confecção de websites. (PINTO; SILVA; SILVA, 2012, p. 9).



Além disso, há outros fatores apontados pelos autores como os elementos que os motivaram a usar a internet como ferramenta pedagógica, por exemplo, a percepção de que, para muitos estudantes, a disciplina é vista como algo demasiadamente teórico e, portanto, desinteressante. E, além disso, pelo fato dela se mostrar como um excelente instrumento de personalização do ensino, uma vez que “cada aluno tem uma forma diferente de assimilar a informação” (PINTO; SILVA; SILVA. 2012, p.11).

Assim, buscou-se através do uso da internet, evitar aulas meramente expositivas, aproximar a filosofia do universo dos alunos e, também, proporcionar conhecimento através do uso de tecnologias, respeitando os diferentes estilos e tempos de aprendizagem, e assegurando acesso às especificidades do ensino de filosofia.

Portanto, é possível perceber com clareza que esta prática de ensino propõe, através de recursos tecnológicos, pensar em novas e melhores formas de ensinar e aprender filosofia, no contexto da educação básica.

Foram brevemente apontados como desafios para a implementação desta, e de propostas como esta, questões relacionadas às circunstâncias em que a escola (e todos os envolvidos) estão inseridas, como a falta ou a precariedade de recursos, equipamentos serviços e instalações que viabilizem este trabalho, bem como questões relacionadas ao professor.

Sobre o professor, assim como nos outros textos analisados, compreende-se que ele terá que reavaliar o seu papel, sua didática, suas metodologias. Isso porque pouco adiantará o uso de novas tecnologias na educação se as práticas continuarem as mesmas. Por exemplo, faz pouca diferença se uma cópia é feita de um livro, uma lousa ou da tela de um computador, ela continua sendo simplesmente uma ação mecânica e incapaz de mobilizar competências e habilidades significativas.

É preciso rever, analisar e criar alternativas para práticas pedagógicas mais atualizadas e verdadeiramente significativas, e os recursos tecnológicos podem contribuir com isso, mas é igualmente relevante compreender como, porquê e o que esperar ao implementá-las. Quanto a isso, há ainda outros desafios apontados no texto, como o fato de que muitos docentes se mostram resistentes quanto ao seu uso ou ainda possuem relevantes dificuldades em seu manuseio - questões que poderiam ser superadas à medida em que sistemas e indivíduos investissem nos cursos de formação inicial e permanente.

De acordo com os autores,

Uma das principais dificuldades de se incorporar as TIC no processo de ensino é o fato de haver muita resistência de alguns professores em usar recursos tecnológicos e que o professor ainda é considerado o detentor de todo o conhecimento. Atualmente, com o avanço da tecnologia, o professor tem que estar em constante atualização e explorar os benefícios que as TIC lhe oferecem, sendo mediado dessa nova forma de ensino, auxiliando o aluno no que for preciso para que ele seja o responsável pela sua aprendizagem. (PINTO; SILVA; SILVA, 2012, p. 11).

#### **4.4 O aplicativo de comunicação WhatsApp como estratégia de ensino de Filosofia - Araújo e Bottentuit Júnior**



A pesquisa de Araújo e Bottentuit Júnior (2015) retrata uma prática de ensino que propõe o uso do aplicativo *WhatsApp* como ferramenta didática e metodológica, no ensino de filosofia. Ela foi realizada com duas turmas do ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, no Campus de Açailândia, no Maranhão, nos anos 2013 e 2014, sendo que ambas estavam cursando a disciplina Filosofia II.

No texto, Araújo e Bottentuit Júnior (2015) se referem a outros artigos que relatam práticas de ensino com o mesmo aplicativo; uma na educação básica, uma no ensino superior e outra em um curso de formação de professores e tutores mostrando, assim, que esta é uma prática já explorada e analisada por outros especialistas na área.

De acordo com Araújo e Bottentuit (p. 11, 2015), o uso do aplicativo foi pensado como um meio de “[...] atrair a atenção dos estudantes por se tratar de algo inovador, enquanto estratégia de ensino” e como uma forma de potencializar, de aumentar a interação entre alunos, entre os alunos e o professor e entre este e as informações e conteúdos disponibilizados através do aplicativo.

Sobre a importância da interação nas relações de ensino-aprendizagem em filosofia, os autores afirmam que:

A interlocução se constitui enquanto condição de possibilidade para acessarmos o saber filosófico pois, a filosofia, enquanto intersubjetividade nasce dos espaços ‘entre nós’. Logo, explorar meios que conduzam os estudantes a aproximações comunicativas, seja em meio social verbalizado do cotidiano ou mesmo na textualidade por meios virtuais, já atinge este pré-requisito da filosofia. (ARAÚJO, BOTTENTUIT JÚNIOR, 2015, p. 13).

Como podemos notar pela fala dos autores, o aplicativo é visto como um elemento capaz de estimular a ação comunicativa entre os envolvidos no processo pedagógico, pois ele amplia as possibilidades de trocas, diálogo e aprendizagem, uma vez que as interações podem ocorrer além do horário das aulas, em horários que tradicionalmente não ocorreriam - como quando os alunos utilizam o aplicativo em casa -, e também pelo fato de o conteúdo poder ser disponibilizado em diferentes formatos - como texto, áudio, imagem, vídeos -, privilegiando diferentes estilos de aprendizagem.

Durante a proposta, os alunos foram avaliados tanto pela frequência das participações, quanto pela qualidade das mesmas. Com relação à disponibilidade dos recursos necessários para a implementação da proposta, os autores afirmam que o campus disponibilizava aos estudantes acesso à internet e a biblioteca continha os computadores.

Além disso, para a adesão das salas à proposta aqui analisada, era necessário atender aos seguintes critérios:

- Ter cursado o primeiro ano do ensino médio
- A maior parte da sala ter acesso ao *WhatsApp*
- Aceitação de toda turma à metodologia



Sobre os resultados obtidos e analisados, os autores afirmaram ter realizado um questionário online para saber como os estudantes avaliaram a experiência e, de acordo com os mesmos, os estudantes “apresentaram respostas diferentes, mas que valorizaram a iniciativa”.

Além disso, suas falas demonstram “otimismo e estímulo na participação da atividade, até por ser um tipo de estudo via internet, o que não é usual para eles quanto às suas atividades escolares” (ARAÚJO, BOTTENTUIT JÚNIOR, 2015, p. 20).

Desta forma, é possível concluir que a proposta possuía embasamento prático e teórico para sua implementação e que os resultados obtidos foram positivos, tanto para os alunos, quanto para os professores. Isso mostra que diferentes recursos e aplicativos podem contribuir para propostas metodológicas mais atraentes, atualizadas e igualmente relevantes do ponto de vista pedagógico.

#### **4.5 O mito da caverna de Platão: um olhar sobre a didática de ensino na filosofia e as tecnologias em sala de aula - Brito**

Tendo como referência o Livro VII, da obra *A República*, de Platão, a pesquisa de Núbia de Abreu Brito (2017) procura pensar e problematizar a relação entre metodologia, didática e mídias no ensino de filosofia, no ensino médio. Este não é um relato de prática ou um estudo de caso, mas o resultado da análise bibliográfica da autora sobre os temas e obra mencionados.

Para Brito, isso se faz necessário porque a filosofia “não tem sido trabalhada nas escolas de ensino médio como, de fato, merece” (BRITO, p. 42). No entendimento da autora, predomina ainda nas salas de aula um enfoque conteudista da disciplina, que geralmente explora apenas as questões relacionadas à História da Filosofia, reduzindo assim todo o seu potencial de crítica, análise, diálogo, curiosidade e busca pelo conhecimento, pela mera reprodução de informações sobre períodos, escolas filosóficas, e sobre os próprios pensadores.

Ao longo do texto, sobre as especificidades do ensino de filosofia na educação básica a autora afirma que:

A finalidade da didática no ensino de filosofia para o ensino médio em qualquer tipo de abordagem é desenvolver, no aluno, a capacidade argumentativa, em rever permanentemente os seus argumentos, a produzir contra-argumentos e os contraexemplos, para defender suas próprias ideias e opiniões no ato filosófico [...]. (BRITO, 2017, p. 46).

Em outras passagens, Brito ressalta que o foco da aprendizagem hoje já não é, nem deve ser direcionado ao acúmulo, reprodução e verificação de conteúdo – independentemente da disciplina - mas sim buscar desenvolver, junto os alunos, competências e habilidades que os auxiliarão a entender, posicionar-se e interagir com a realidade que os cerca, como mencionado acima.

Em outras palavras, as relações de ensino-aprendizagem hoje devem auxiliar os estudantes a desenvolver a capacidade de enxergar, entender/compreender e atuar no mundo. E sobre isso, o modelo tradicional da educação, embasado nas necessidades das sociedades industrializadas, já não se sustenta mais. A apatia, o desinteresse, a baixa qualidade da educação,



os índices de analfabetismo funcional, reprovação e abandono exemplificam alguns dos desafios no setor.

Com relação às demandas para a educação no atual contexto, Brito afirma que:

[...] vivemos na era tecnológica e temos que nos adaptar a essa revolução globalizada. Nessa zona de transformação tecnológica, seria impossível negar a nossa prática pedagógica, voltada para esse aparato tecnológico, pois surgem as exigências desta realidade, que vão se firmando, tornando-se indispensável no nosso fazer pedagógico. (BRITO, 2017, p.43).

Assim, para a autora (2017, p.42), é preciso buscar novas maneiras de aprender e ensinar e, para isso, é necessário que o professor crie, desenvolva, encontre os recursos metodológicos que o auxiliarão a desenvolver saberes, atitudes e competências que “contemple as atividades vigentes, a realidade de seus alunos e os seus interesses, relacionados ao mundo que os cercam”.

Essa revolução didático-metodológica que tem o professor como protagonista, não poderá ocorrer sem que ele conte com suporte e apoio. Isso significa ter a estrutura e os recursos necessários que lhe permita desenvolver propostas inovadoras e supõe, também, a transformação na dinâmica das relações. A autora aponta, por exemplo, que é preciso estar aberto ao diálogo com os alunos, ouvi-los para corrigir rotas, elaborar novas propostas e estar aberto à mudança, sempre que necessário.

Nesse sentido, Brito salienta que:

É importante, também, que haja não apenas uma revolução tecnológica nas escolas; é necessária a revolução na capacitação docente, pois a tecnologia é algo ainda a ser desmistificado para a maioria dos professores, que, aos poucos, estão se adaptando e incrementando em sua rotina semanal o uso de aparelhos tecnológicos, tornando as aulas mais agradáveis e menos cansativas. A didática tradicional de fala, quadro e giz já não condizem mais nesse mundo tão global. (BRITO, 2017, p.46).

Vê-se que, para a autora, é preciso estimular o desenvolvimento de novas metodologias, o uso de recursos que ajudem a superar as fragilidades diagnosticadas – em avaliações externas, diagnósticas e contínuas, por exemplo – e que enfrentamos hoje, algo que certamente tem limitado o desenvolvimento dos sistemas escolares e dos próprios alunos. E, neste sentido, Brito aponta que os recursos tecnológicos são ferramentas pedagógicas relevantes, pois auxiliam a promover uma educação mais contextualizada, tendo assim mais chances de despertar o interesse dos alunos, podendo também ser usada de forma a colocar o aluno em uma condição ativa, de protagonista com relação ao próprio conhecimento sendo ele então capaz de criar, intervir, realizar trocas e parcerias, e não simplesmente reproduzir conteúdos.

Pode também ajudar na flexibilização da educação, trabalhando diferentes estilos de aprendizagem, expandindo tempos e espaço de aprendizagem, promover um ambiente de



pesquisa, reflexão e questionamento. Inúmeras são as possibilidades e os benefícios, como temos visto.

Mas, apesar deste olhar otimista, o artigo pontua também os riscos e desafios que envolvem a integração de mídias na educação básica, contribuindo assim para um entendimento crítico destas questões.

Não é incomum, por exemplo, que por uma falta de clareza dos professores diante destes novos aparatos, que estes sejam utilizados apenas para passar tempo e fugir do tédio. Para Brito, este mau uso além de não contribuir para a aprendizagem dos alunos, colabora para a alienação dos mesmos. Ela afirma que:

Preso à tecnologia disseminada e sem objetivo pedagógico, o educando sente-se meio disperso no ambiente escolar, como se imerso em outro mundo/caverna. No entanto, as tecnologias podem ser utilizadas para fomentar o desejo de adquirir conhecimento. (BRITO, 2017, p. 44).

Com isso, podemos perceber – e relacionar com o exposto nos outros textos – que a tecnologia é uma ferramenta com grande potencial pedagógico, mas que muitas coisas são também determinantes para que seu uso seja exitoso. Por exemplo, profissionais críticos e capacitados, estrutura e suporte físico, tecnológico, apoio pedagógico, entre outros elementos.

Ainda sobre a má utilização da tecnologia e de sua contribuição, não para a aprendizagem, mas para a alienação, a autora relaciona estes elementos à alegoria do Mito da Caverna. Para Brito, os meios de comunicação de massa, como as redes sociais – *Facebook, WhatsApp, E-mail*, entre outros – são ferramentas muitas vezes utilizadas para a manipulação de consciências e corpos. Portanto, é necessário reconhecer com clareza de que forma elas podem contribuir para com os objetivos traçados e não apenas utilizá-los

[...] como mero passatempo na sala de aula, deixando de lado o que, de fato, compete à atividade educativa. Fazendo isso, o professor e os alunos só tendem a ficar alienados pelo sistema, não atendendo ao item informativo que a tecnologia busca, que é informar e formar por meio dessa variedade tecnológica. (BRITO, 2017, p.43).

Nota-se, portanto, que Brito compreende a tecnologia como ferramenta didática capaz de potencializar o ensino de filosofia e que ela, além disso, pontua a necessidade de uma transformação no cenário educacional atual a fim de torná-lo mais próximo das demandas e necessidades que se colocam às sociedades nesta era tecnológica.

Por outro lado, ela aponta que apenas a integração não é a solução, pois seu mau uso pode contribuir para a alienação e a permanência da baixa qualidade da educação ofertada à população nos sistemas públicos de ensino.

Por fim, deve ser salientado que apesar do texto fazer explicitamente referências à obra de Platão - como no título do artigo em questão - esta não foi citada diretamente no corpo do texto e nem consta nas referências bibliográficas da pesquisa, sendo que suas alusões à obra de Platão se dão com base apenas em citações indiretas, feitas por terceiros.





#### **4.6 Análise dos trabalhos publicados nos livros do “Simpósio Sul-Brasileiro Sobre Ensino de Filosofia” que versam sobre TIC e ensino de filosofia**

A pesquisa de Moraes e Tomazetti (2014) investiga os artigos produzidos por professores e pesquisadores envolvidos, direta ou indiretamente, com as questões das TIC no ensino de filosofia, e apresentados no *Simpósio Sul-Brasileiro sobre o Ensino de Filosofia*, entre 2001 e 2010. Sobre as finalidades da pesquisa, Moraes e Tomazetti (2014, p. 33) afirmam que pretenderam mostrar “[...] os diferentes e pertinentes discursos e reflexões sobre a questão das TIC e a aula de filosofia, temática tão urgente nos dias atuais”.

Para as autoras, o evento é visto como um momento de troca de experiências, reflexão e diálogo sobre os objetivos do ensino de filosofia, as metodologias utilizadas, seus fundamentos, desafios, inovações e, também, uma oportunidade de investigar como as tecnologias podem contribuir para a aprendizagem e para o diálogo filosófico.

Sobre isso, afirmam:

Parece-nos que os pesquisadores da área do ensino de filosofia já perceberam que nos dias atuais se torna difícil pensar sobre as questões da prática filosófica descartando as tecnologias que nos rodeiam e sem, de alguma forma, lançar mão das TIC ou refletir sobre suas potencialidades” (MORAES; TOMAZETTI, 2014, p. 40).

A temática tem se mostrado tão relevante, mostram, que dos nove livros publicados durante os dez anos de simpósio, em apenas um não havia publicações sobre o ensino de filosofia e o uso de mídias na área.

Os artigos foram analisados e divididos em dois eixos temáticos: 1) textos que relatam práticas e experiências pedagógicas (seja no ensino superior, na educação básica e na formação continuada de professores), 2) aqueles que abordam a relação entre linguagem e comunicação filosófica.

Com isso, as autoras puderam perceber as semelhanças, os desafios e os referenciais teóricos que nortearam tais pesquisas, obtendo informações mais precisas sobre o uso de tecnologias no ensino de filosofia.

Com relação ao primeiro eixo, a pesquisa *“Filosofia na Escola online: uma proposta para a formação continuada e permanente dos professores de filosofia”*, de Müller & Eiterer (2003), investe na relação entre escola e universidade e na formação dos professores, como estratégia didática para incluir, ainda que indiretamente, a tecnologia na educação básica.

Através da criação de um ambiente virtual de aprendizagem, foi possível promover com os professores da educação básica e do ensino superior momentos de pesquisa, debate, bem como o intercâmbio de ações e experiências, contribuindo para a qualidade da formação de professores e para a melhoria do ensino de filosofia.

Sobre a pesquisa, Moraes e Tomazetti (2014, p. 39) afirmam que esta iniciativa é “[...] uma das muitas possibilidades de se criar um canal de parcerias necessárias para que se tenha um maior sucesso na prática de ensino de filosofia na escola pública, lançando mãos das



ferramentas tecnológicas que estão mais acessíveis”. Capacitar o professor e possibilitar-lhes vivências, contribui para que ele possa criar e implementar metodologias mais criativas, participativas e inovadoras.

O segundo artigo, *“Filosofia online: notas sobre o uso da internet no ensino de graduação”*, de Ibertis *et. al* (2006), por sua vez, aborda a formação do futuro professor e, portanto, tem como foco, a utilização de tecnologia no ensino superior de filosofia e na formação de docentes no contexto da sociedade da informação.

A proposta de trabalho foi a criação de um fórum de discussão pela internet, cujo principal objetivo era desenvolver nos estudantes a capacidade de argumentar e de se expressar de forma oral, textual e através de hipermídias. Sobre esta finalidade, comentam:

[...] o confronto de ideias exigia dos acadêmicos, réplicas e um esforço de reflexão e compreensão das ideias dos envolvidos no debate. São ressaltadas, algumas dificuldades encontradas pelos alunos em avançar nas discussões e encontrar sozinhos caminhos para resolver os problemas filosóficos, bem como certa timidez em função da exposição pessoal e limitação linguística para expressão das reflexões. (MORAES; TOMAZETTI, 2014, p. 39).

A última prática de ensino abordada neste eixo foi *“Ensaio sobre filosofia e novas tecnologias na educação: Desafios, Aporias e Possibilidades”*, de autoria de Novaes & Garin (2008), e que trata do ensino de filosofia na modalidade EaD, também com foco no ensino superior.

Relatou-se na proposta do curso que a internet foi utilizada como um meio de interação repleto de possibilidades e desafios, sendo um destes superar o preconceito, que existe ainda hoje, e que compreende os cursos a distância como se eles fossem uma espécie de “segunda categoria de ensino”.

Contra esta concepção, e de acordo com o posicionamento defendido no artigo, elas comentam:

Segundo o texto, na EaD o aluno é, de certa forma, muito mais sujeito de seu próprio aprendizado, pois ele precisa disciplinar a sua agenda de compromissos, realizar atividades ora *síncronas*, ora *assíncronas*, encontrar alternativas e construir questionamentos por ele mesmo e de forma interativa, construir o conhecimento de forma cooperativa [...]. (MORAES; TOMAZETTI, 2014, p. 40).

Como é possível notar, o uso de recursos tecnológicos para potencializar as relações de ensino-aprendizagem em filosofia é algo que já está acontecendo, como apontam as pesquisas. Infelizmente, também é possível perceber, através deste estudo que, não foram apresentados trabalhos acadêmicos sobre o uso de TIC na educação básica, nas aulas de filosofia. Sendo este, portanto, um desafio atual para a área.

Por outro lado, sabemos que na medida em que esses elementos forem incorporados e trabalhados na formação inicial e continuada de professores, mais chances haverá de que estas propostas inovadoras cheguem às salas de aula também na educação básica.



Os outros artigos, do segundo eixo, que abordam a relação entre linguagem escrita, linguagem audiovisual e hipertextual relacionadas ao ensino de filosofia, compõem a maior parte dos artigos.

O texto *“Os Desafios educacionais da cultura Audiovisual: considerações sobre o ensino de filosofia”*, de Edson Jacinski (204) aborda o impacto da cultura audiovisual em nossa percepção de mundo e como este fato implica em “[...] uma perspectiva educacional que possibilite a navegação e vivência dentro dela, de maneira crítica” (MORAES; TOMAZETTI, 2014, p. 40-41). Assim, novas demandas supõem novas formas de aprender e ensinar.

*“A filosofia no Ciberespaço”* (2005), de Celso Cândido trata da importância deste novo espaço virtual para as trocas, as inter-relações e o intercâmbio entre indivíduos e culturas, na atualidade. De acordo com Moraes e Tomazetti, o texto procura desenvolver uma concepção de filosofia, e de trabalho filosófico, como a “[...] prática do diálogo, que tem origem no pensamento livre e autônomo [...]” (2014, p.41) e que é sempre colaborativo.

A pesquisa, além disso, também explora o desenvolvimento da linguagem oral, o surgimento da escrita, e hoje, “o diálogo hipertextual” (2014, p. 41), elucidando a intrínseca relação entre a linguagem e a filosofia.

No artigo *“Das epístolas aos E-mails: é possível ensinar filosofia a distância?”* (2006), Arnildo Pommer problematiza alguns desafios desta modalidade de ensino e, de acordo com a análise de Moraes e Tomazetti (2014, p. 41) seu autor sinaliza que este novo modelo educacional “[...] exigirá mais empenho na leitura e na escrita, habilidades que cada vez mais se fazem necessárias para um filosofar com mais qualidade, mesmo que isso se desenvolva em uma sala `a distância”. Além disso, pontuam que o artigo problematiza também, “[...] o fim do pensamento de forma oral, comumente utilizado na aula expositiva”.

Desta forma, podemos afirmar que as análises apontam para a necessidade da transformação do ambiente educacional e do próprio professor, de sua didática e metodologias, se pretendemos um ensino em sintonia com seu tempo, inclusivo e de qualidade.

Já o artigo de Márcia Tiburi, *“Filosofia e Mídia”* (2007), expõe a importância da formação crítica e analítica, viabilizada pela filosofia, para a educação hoje, em um contexto fortemente marcado pela comunicação e interação virtual a partir de mídias.

Por fim, o texto de Celso Braidá, *“Filosofia, ensino e o império virtual”* (2010), trata do embate entre as maneiras tradicionais no ensino de filosofia e as novas formas de interação que, aos poucos vão integrando os cenários e contextos educacionais. A grande questão que envolve a pesquisa é: como ensinar filosofia na sociedade digital em que vivemos hoje? E, para o autor, as novas formas de comunicação, que surgem neste novo cenário, supõem também novas formas de ensino e aprendizagem.

Neste sentido, muitas das informações apresentadas e analisadas nesta pesquisa apontam para o mesmo caminho que os outros autores, analisados nos artigos anteriores: é preciso repensar caminhos, investir na formação inicial e continuada de dos filósofos-professores, reconhecer que as mídias têm se mostrado elementos potencializadores das relações de ensino e aprendizagem em filosofia, especialmente por ampliar o acesso à informação, viabilizar a troca de saber e experiências, estimular o diálogo e a interação,



possibilitar para o aluno uma atuação mais crítica, onde ele pode não apenas reproduzir conteúdos, mas lidar com eles de maneira ativa e criativa, desenvolvendo suas competências comunicativas.

## 5. Resultados

A partir da investigação realizada alguns apontamentos podem ser feitos. No que diz respeito às principais mídias relatadas, pudemos encontrar a Internet como uma das principais ferramentas utilizadas. Foi a partir dela que pesquisas foram realizadas para a posterior criação de sites junto aos alunos; que aplicativos - no caso o WhatsApp - permitiram um novo meio de acesso aos conteúdos filosóficos - além dos tradicionalmente utilizados pelos professores - e que se intensificaram novas formas de interação entre os estudantes e entre estes e os saberes trabalhados.

Tornou-se também evidente que o que motivou a implementação e o uso de mídias no ensino de filosofia, foi a tentativa de profissionais na ativa e de futuros professores, em ressignificar, em tentar melhor contextualizar sua prática e atuação frente as dificuldades encontradas nas salas de aulas e as demandas do dia a dia. Em outras palavras, as pesquisas aqui analisadas nos mostram a iniciativa de diferentes sujeitos, especificamente de professores e graduandos da área, em promover uma educação de qualidade, seja através da implementação de práticas inovadoras sustentadas no uso de TDIC, ou da própria reflexão sobre o trabalho pedagógico no contexto da sociedade da informação.

Neste sentido, em seu texto, Pinto, Silva e Silva (2012) apontam a internet como um elemento facilitador, mobilizador da aprendizagem, e que tem forte capacidade de despertar o interesse dos jovens, além disso, indicam que ela pode incentivar nos estudantes uma postura mais ativa com relação à busca pelo conhecimento.

Araújo e Bottentuit (2015), retratam o aplicativo de comunicação WhatsApp, como uma ferramenta didática e metodológica que também permite uma maior personalização dos conteúdos na medida em que amplia e potencializa o acesso e a troca de informação e saberes. Por exemplo, a partir de um tema ou um problema previamente estipulado pelo professor, os alunos podem pesquisar, compartilhar, refletir e trocar entendimentos, enfim, podem aprender a partir de diferentes suportes: textos, jogos, imagens, áudios, vídeos, hipertextos, o que certamente contribui para o enriquecimento e a diversificação das ferramentas de apoio para a aprendizagem.

O texto de Siqueira e Ribas (2012), por sua vez, aponta que os desafios para a construção de uma educação de qualidade, em território nacional, são variados. Envolve, por exemplo, o comprometimento e a atuação de diferentes setores, como governos e governantes, professores e alunos, deixando claro que estas questões não serão resolvidas com ações ou discursos simplistas.

Os autores também ressaltam a importância de reavaliar o processo educacional como um todo: suas metodologias, os valores e as práticas que embasam e norteiam as relações interpessoais, os processos avaliativos, a maneira como os indivíduos e os sistemas escolares exploram seus tempos e espaços, que enfoque dão, por exemplo, as múltiplas inteligências e os



diferentes estilos de aprendizagem. Como se vê, não basta apenas promover o acesso à tecnologia, é preciso acima de tudo instrumentalizar, capacitar os professores para que estes possam utilizar novos recursos de modo significativo e satisfatório, ou seja, de maneira crítica e consciente, garantindo que haja aprendizagem.

Vimos também que o caminho apontado pelos autores para que isso seja possível é uma sólida formação profissional inicial e continuada. Neste sentido, Santos e Somavilla (2006) fazem uma análise que caminha nesta direção, ou seja, de que é preciso investir na formação dos professores para melhorar a qualidade da educação. Além disso, pontuam, é necessário que o professor assuma sempre a postura de um indivíduo em contínua formação e aprendizagem, pois só assim ele será capaz de compreender e ressignificar sua prática.

Brito, por sua vez, pontua que uma educação significativa em filosofia envolve, entre outros elementos, a capacidade de desenvolver e aprimorar junto aos alunos suas competências discursivas, ou seja, sua habilidade de argumentar e contra argumentar, de enxergar, entender e atuar no mundo que o influencia e é por ele influenciado. Tais objetivos, por sua vez, só serão atingidos - de acordo com os autores estudados - quando o professor for capaz de reformular sua didática e metodologias frente às novas exigências da Sociedade da Informação. Por isso, a autora entende que os recursos tecnológicos podem ajudar a promover uma educação mais contextualizada, flexível, atraente e ativa em ambientes que promovam a investigação, o entendimento e o questionamento.

O trabalho de Moraes e Tomazetti (2014) é, como esta pesquisa, a sistematização do conhecimento sobre o uso de novas tecnologias e o ensino de filosofia. Em seu artigo, as autoras mostram, por exemplo, que o *Simpósio Sul-Brasileiro sobre o Ensino de Filosofia* representa um momento de reflexão, troca de experiências e diálogo sobre os objetivos, os fundamentos, as metodologias e as inovações sobre as TIC's no ensino de filosofia. Momentos como estes, e todas essas pesquisas, expressam a preocupação de muitos professores e estudantes da área e isto deve ser pontuado e valorizado, pois a tão almejada melhoria vem de ações como estas: estudo, investigação, tentativas, erros e muita disposição dos indivíduos que se dedicam à educação para sempre dar vida a este processo.

## 6. Conclusão

Diante de todos os elementos expostos, fica evidente que há inúmeras iniciativas que procuram, através do uso de novas mídias e tecnologias, repensar o ensino de filosofia na educação básica, mas também ficaram claros os inúmeros desafios que devem ser levados em consideração quando pensamos em práticas e ações que podem nos levar a uma educação de qualidade, ou seja, comprometida com o desenvolvimento das competências e habilidades previstas para as diferentes áreas do saber e também sensível aos desafios de seu tempo, entre eles a inclusão e o letramento digital. Para todos.



Esperamos que estes apontamentos possam estimular a reflexão sobre o ensino de filosofia, cientes de que estes apontamentos não esgotam o tema nem os desafios que se colocam para os professores e estudiosos da área, no dia a dia.

## Referências

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Sociedade da Informação no Brasil** - Livro Verde. Brasília, 2000. Disponível em: <https://www.governodigital.gov.br/documentos-e-arquivos/livroverde.pdf>. Acesso em 05/07/2018.

UNESCO. **Tecnologias para a transformação da educação: experiências de sucesso e expectativa.** [S.l.] 2014. [http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Brasilia/pdf/brz\\_ci\\_preliminar\\_doc\\_tecnologias\\_transformacao\\_educacao.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Brasilia/pdf/brz_ci_preliminar_doc_tecnologias_transformacao_educacao.pdf). Acesso em 05/07/2018.

ARAÚJO, P.B.; BOTTENTUIT JÚNIOR, J.B. **O aplicativo de comunicação WhatsApp como estratégia no ensino de Filosofia.** Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/22939/12666>. Acesso em 05/07/2018.

BRITO, Núbia de Abreu. **O mito da caverna de Platão: um olhar sobre a didática de ensino na filosofia e as tecnologias em sala de aula.** p. 41-47. Disponível em: <http://www.faecba.edu.br/revista/Revista-Olhares-docentes.pdf>. Acesso em 05/07/2018.

MILL, D.; CHAQUIME, L.P. **Educação híbrida como estratégia educacional.** In: Coleção Educação e Tecnologia, Curso de especialização. [s.l.]. Pixel, 2017. Disponível em: [https://ava.ead.ufscar.br/pluginfile.php/445907/mod\\_page/content/11/educ%20hibrida.pdf](https://ava.ead.ufscar.br/pluginfile.php/445907/mod_page/content/11/educ%20hibrida.pdf). Acesso em: 06/07/2018.

MORAES, S.B. A.; TOMAZETTI, E.M. **Análise dos trabalhos publicados nos livros do “Simpósio Sul-Brasileiro sobre ensino de Filosofia” que versam sobre TIC e ensino de filosofia.** Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/neseef/article/view/54678/33184>. Acesso em 05/07/2018.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas.** In: Novas tecnologias e mediação pedagógica. 10 ed. Campinas: Papyrus, 2006. p.11-63.

PINTO. A. S.; SILVA. C. S.; SILVA J. G. **O uso da internet como ferramenta pedagógica para o ensino de filosofia: uma aplicação com alunos do ensino médio de uma escola estadual.** Revista ITEC, p. 9- 15[s.l.], v. IV, nº 4, jul. 2012.





EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO



SIQUEIRA, G. L.; RIBAS, M. A. C. **Dificuldades no ensino de filosofia no cenário da educação básica brasileira.** In: XVI Jornada Nacional da Educação. Educação: território de saberes. Santa Maria, 2012. Disponível em: <http://jne.unifra.br/artigos/4731.pdf>. Acesso em 22/01/2018.

SOMAVILLA, L.; SANTOS, M. A. **Filosofia e tecnologia: uma proposta pedagógica.** Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/003e1.pdf>. Acesso em 05/07/2018.